

Entrevista com Valter Roman Jochade
18/03/1997

- E. Nome, local e data de nascimento essas coisas assim. O teu nome completo é Valter..
V. Valter Roman Jochade
E. Ah tá tu tem o Roman aí?
V. É assinavam com dois n mas é um n só, meu avô que era dois n, Romann
E. Roman é o nome vindo da parte?
V. Do meu avô, pai da minha mãe.
E. Que é de origem ?
V. Austríaco.
E. Austríaco.
V. Daquela zona.
E. E Jochade?
V. Jochade é mais polonesa. Meu outro avô. Pelo que eu sei os dois foram clandestino, fugiram juntos. Tiveram até mentir no passaporte deles foi feito diferente.
E. Tu sabe mais ou menos em que época que eles vieram?
V. Isso aí...
E. Tu estás com quantos anos?
V. Minha mãe nasceu em 1892, aqui já. Eles vieram em 1890, daí pra menos, 89 a minha mãe já nasceu por aqui. 1888/89 acho que chegaram por aí.
E. E tu sabes o que eles faziam em termos de profissão, trabalho?
V. O meu avô acho que deve ter vindo com uns pilazinho de lá porque ele comprou a chácara ali na Lauro Muller, antiga rua Stock. Ele comprou uma chacrinha ali e ali ele botou um açougue, um matadouro. Na Lauro Muller.
E. Bem perto do rio mesmo?
V. Mais pra baixo do rio, no fim da rua mesmo da Lauro Muller hoje fica na esquina da Pernambuco.
E. Aquela parte que tem transportadora.
V. Aquelas transportadora ali já era onde terminou a rua ali ...? até lá quase na Teodora.
E. Depois aquilo tudo foi sendo dividido?
V. Aquilo depois cada filho foi ganhando....Depois na esquina ali a minha mãe já vendeu também e meu avô também vendeu alguma ali pra sobreviver depois de velho e nós herdemos cada um seu terreninho.
E. Então quer dizer que eles vieram como comerciante mesmo?
V. Veio aqui e já botou um negócio de carne e a minha mãe ajudava a distribuir a carne também né.
E. Eles faziam a distribuição também?
V. Era entregue em casa pro pessoal. Antigamente tudo era sempre assim né.
E. Tudo entregue.
V. Tudo, leite, pão, carne
E. A carne que eu não sabia, o leite e o pão sim. Bom...tu mesmo nasceu em que ano?
V. Em 1924.
E. E vocês moraram sempre ali naquela região?
V. Não, eu nasci na Cairu, antiga Germania hoje é Cairu minha mãe morava ali também nas casas de uma tia dela.
E. A Germania é a Cairu é?

V. Antiga Germania.

E. A mãe inclusive me passou a carteira de trabalho do vô e do vô Arno e tinha esse endereço mesmo, Av. Germania, eu não sabia onde era.

V. Hoje é Cairu, minha mãe tinha um armazém. Botou um armazenzinho lá e meu pai trabalhava com o carro dele lá fazia uns carretinho.

E. Mais ou menos em que altura?

V. Na esquina das Missões na última quadra da Voluntário da Pátria.

E. Uma quadra pra baixo.

V. Na Voluntário da Pátria era a antiga casa Schimitd uma loja que tinha ali, na esquina de cá era o armazém da minha mãe. Aquela parte ali tudo era do meu tio. Uma parte boa ali era dele então a minha mãe botou um armazem, um boteco ali.

E. E este teu tio tinha o que ali?

V. Tinha dois caminhões trabalhando. Trabalhava com frete. (...) Tio Fritz um gorducho, careca.

E. Certo. Tio por parte da..

V. Porque casou com a tia da minha mãe.

E. Porque ali tinha a maior parte das indústrias?

V. Era Suck e casou e ficou Heine(?) A minha mãe também tinha de Suck, a mãe da minha mãe era Suck.

E. Genoveva né?

V. Isto. Era parente..

E. Este foi um nome que eu guardei que a vô falou e de tudo o que eu mais guardei foi esse Suck, que é polonês. Porque ali bem na Voluntários, na Voluntários é que começaram a maior parte das fábricas.

V. Ali ficava o Gerdau ficava dentro da água mesmo e o trem passava bem na frente tinha um trapiche ali do Benoni, onde nós ia pescar, nadar, fazia com a gurizada.

E. Quando era limpo ainda né?

V. Aterraram ficou 100 metros pra dentro.

E. E tinha muito problema com enchente?

V. A tinha, quando vinha a chuvarada o rio enchia.

E. Porque a enchente, a pior foi de 41.

V. Essa foi a pior, essa eu já peguei na Lauro Muller.

E. Mas teve antes?

V. Teve muitas teve.

E. Vinte e poucos teve

V. Vinte e poucos teve, trinta também teve, ali seguido dava enchente. As enchentes não eram tão grande mas pra época a gente achava que era muita água, mas a de 41 foi de matar né.

E. Quem me falou muito da enchente de 41 foi o seu Ernesto.

V. O Rossi.

E. Eu entrevistei ele também.

V. Ele pegou essa época na enchente lá na chácara.

E. Inclusive ele falou que eles ficaram meses lá no no

V. No galpão lá da chácara, nós também ficamo lá. No sótio da casa

E. Diz que tinha um monte de gente lá Saiam de canoa pra tentar pegar umas galinhas que vinham boiando

V. O que vinha nadando nós pegava, carneamo até porco lá.

E. Porque foi longa né.

V. É, foi longa por uns bons tempos, a viação férrea alagou uns vagão lá porque era os trilhos..eram bem alto e ninguém ia imaginar que ia água nos trilhos. Ficaram morando dentro dos vagões daqui a pouco a água subiu e entrou dentro dos vagões e o pessoal tiveram que sair, muita água.

E. Pois é acho que foi ele que me falou que a água vinha a

V. Ali na mãe tinha mais de 2 metros no pátio dela, entrou água pela janela mais de dois metros

E. no pátio?.

V. Na rua também, era baixa.

E. Tu nasceste em 24, é

V. Dia da Bandeira eu nasci no dia 19 de novembro, bem patriota

E. Deixa eu te perguntar um negócio tu falou desse negócio da vinda dos avós que vieram meio clandestinos e tal.

V. Não, os dois se encontraram justamente no navio né

E. E tu sabe por que eles

V. Eles começaram a fugir juntos então a promessa foi essa

E. tu sabe por que que eles vieram? Por que?

V. Eles não queriam servir né. Naquela época tava o negócio de militar.

E. Da guerra

V. Tinha que servir e não sei qual era o regime que era obrigado a servir e eles não queriam, não sei se era russo, não queriam então se mandaram

E. Devem Ter vindo jovem então, porque

V. É vieram jovem porque naquele tempo um prometeu pro outro se eu casar primeiro, ou tiver filho homem ou filha mulher, iam casar o filho de um com outro

E. Já foi combinado

V. O Jochade teve um homem né e o Rosner teve uma mulher e casaram tudo na promessa.

E. E deu certo?

V. Deu certo.

E. Agora o senhor não sabe por que eles escolheram vir para o Brasil?

V. Não. De certo lá eles deviam falar muito no Brasil, os imigrantes tudo vinham pra cá, vinha polonês, ucraniano, italiano, principalmente os italianos vieram pra serra plantar uva, os que gostava de uva pra plantação foram todos pra serra já os alemães ficaram mais perto da cidade em Alto Feliz, São Sebastião do Caí, São Leopoldo. Os alemães se acomodaram mais na parte mas plana.

E. Certo. Ok. Você começou a trabalhar com que idade?

V. 14 anos

E. Em 38. E começou no que?

V. Fui ajudante de colocador de azulejo.

E. Certo.

V. Ajudante faz massa, separa os azulejos, ajudante de colocador de azulejo comecei nisso.

E. Isso foi por quanto tempo mais ou menos?

V. Acho que não chegou a dois anos. Aí meu patrão foi viajar e eu fui junto com ele até Pelotas, naquela época uma viagem pra Pelotas era de navio e levava noite toda viajando e quando cheguei lá me deu saudade de casa e não cheguei nem a trabalhar fui

na obra Domingo, cheguei lá foi Sexta ou Sábado no obra e nós fomos Domingo e eu comecei a separar uns azulejos mas eu comecei a chorar e o patrão: o que que é João? Eu tou com saudade. –Vai no cinema, vai te distrair um pouco. Aí fui né. Mas o meu azar que eu fui ver justamente o filme que me fez chorar mais ainda. A vida de Carlos Gardel. Tava passando lá, um filme triste a vida do Carlos Gardel.

E. Tinha morrido há pouco tempo.

V. É eu voltei mais chorando ainda. Ele falou pega o navio e te manda. E eu vim e ele me arrumou um emprego na firma que ele trabalhava na Casa Klug, me botou a trabalhar ali e ali eu fiquei uma porção de anos, uns oito anos.

E. A Casa Klug era o que?

V. É o que vendia justamente azulejo

E. Ah tá,

V. cerâmica, mosaico, tipo um Tumeleiro hoje

E. Material de construção e de acabamento

V. Isto, tinha tapete, cortina tinha tudo pra decoração. Ali eu comecei como varredor e dali fui aprendendo a colocar tapete depois fui colocando cortina e virei a profissão pra cortineiro. Decorador naquela época chamavam decorador, hoje decorador é coisa diferente. Só da idéias. Naquela época era cortineiro, colocador de cortina

E. Claro

V. Mas eu fazia, cortava e tudo

E. Essa Casa Klug ficava onde?

V. Na Voluntário da Pátria esquina com a Coronel Vicente bem em frente a Mesbla. Hoje a Mesbla nem é mais Mesbla ali parece que já vendeu tudo.

E. Vendeu pro hospital agora né

V. Parece que é da Ulbra

E. É da Ulbra. Isso tu disse por uns oito anos mais ou menos. Até depois da guerra já?

V. A guerra não foi de 35 a 45? Naquela época a gente era guri e nem estava dando bola pra guerra era longe e só ouvia falar, tem guerra lá, tem guerra lá. Nem dava bola.

E. Agora no fim do, uma parte quando já estava durando bastante teve problema de abastecimento aqui de conseguir..

V. Combustível, racionamento. Aí ganhava um cartão pra reabastecer . Um por semana ia no posto e o posto botava e não podia botar mais que aquilo mas às vezes chupavam e vendiam pra aquele que precisava mais que tu os caras faziam

E. Tinha todo um esquema e também os preços de alimentos parece que subiram muito, bastante. Umas coisas sumiram.

V. Na guerra sempre acontecia estas coisas, desaparecia uma coisa e quando aparecia o preço era uma coisa aqui ainda hoje é isso aí, uma coisa sumia daqui a pouco aparecia e subia de preço. Na guerra é isso aí.

E. Tu nessa época já tinha o que uns 24 anos, uns vinte e poucos anos e tu chegou a conhecer alguém que tivesse se alistado pra ir pra Itália.?

V. Eu me alistei uma vez com aquela do Brizola.

E. Ah na legalidade

V. Isso foi em 64

E. Em 61

V. Legalidade, eu alistei pra ajudar o Rio Grande do Sul mas graças a Deus não foi preciso nem ia saber o que era um troço desse um irmão matar o outro praticamente paulista e não chegou a isso ,...mas se arrependeu se chamasse estava lá eu o Borges e o

Martins, nós trabalhava na Varig juntos, vamos se alistar? Vamos. Fomos lá e o Martin botou o meu nome e o do Borges, mas louco que nós estava pra não precisar ir.
E... agora pra guerra mesmo pra ir pra Itália tu não te lembra de ninguém que tenha ido?
V. Tem, tem um primo dela. da Elma foi pra Itália, ele morreu agora acho que morreu faz uns 4 anos. Ele sempre falava na guerra mas pra ela, só parente dela
E. Mas não foi muita gente daqui?
V. Que eu sei só o parente dela mas meus amigos assim não foi ninguém eram menores não tinha idade pra ir e era o exército que chamava os reservistas na época ia convocando.
E. E da casa Klug tu depois foste pra Varig?
V. Hã
E. Tu depois deste emprego foi pra Varig?
V. Depois lá da casa Klug eu fui trabalhar na Tapeçaria Mário, no negócio de cortina.
E. Onde que era?
V. Na rua da Praia, eu fiquei um ano lá e o Mauro me chamou pra trabalhar com ele e eu fui trabalhar com o Mário aí eu até casei em 48. A enchente eu estava no Klug, 42,43 por aí eu saí do Klug.
E. Na casa Klug pegou também?
V. No Klug? Pegou. Era tudo soalho de madeira, levantou tudo a Voluntário da Pátria encheu tudo só não subia a parte alta e a Klug construi com o muro bem mais alto e o que encheu na frente encheu nos fundos tinha água lá dentro pra mais de metro.
E. Um estrago né. Bom, e aí depois você ficou na tapeçaria Mário. A Tapeçaria Mário era onde?
V. Ela começou na Barros Cassal.
E. Na Barros Cassal.
V. Acho que fiquei uns dois três anos
E. Ali perto da Cristóvão? Não?
V. Ela ficava pra cima da Cristóvão perto da Independência, entre a Cristóvão e a Independência. Ali terminava aliás ali começa a Cristóvão.
E. Isso onde ela faz aquela curvinha
V. O ônibus até sobe ali e ali começa a Cristóvão... depois então nós alugamo a na Alberto Bins, São Rafael, hoje Alberto Bins, não, hoje é São Rafael
E. Senhor dos Passos hoje
V. Não Senhor dos Passos é a subida
E. Então era São Rafael
V. Continuava na Otávio Rocha. Era São Rafael e passou pra Alberto Bins
E. Depois que morreu o Alberto Bins devem ter colocado o nome dele. Deve ter sido. Pelo antigo jornal falava em Rua São Rafael.
V. Montamos uma tapeçaria ali, meu pai inclusive foi quem fez as prateleiras tudo lá nos fundos.
E. Pois é, isso eu tinha esquecido de perguntar. O teu pai era? Trabalhava com isso?
V. Fazia bico, como eu faço até hoje e sempre fiz pros meus filhos o velho continuou fazendo. Ele fez as casas lá na praia também mas a firma onde ele trabalhou na madeireira
E. Ele trabalhava na madeireira?
V. Era sócio.
E. Qual era a madeireira?

V. Elkerbini e Cia. Pegou fogo umas duas ou três vezes aquela madeireira. O pai entrou de sócio dando o terreno, doando o terreno, daí eles inventaram de construir uma casa pra cada um e o que ele herdou foi isso, quebrou a firma.

E. Aquela madeireira que ficava ao lado da

V. Do lado da casa da tua mãe do teu pai.

E. Entendi..

V. Teu pai não teu avô, meu irmão.

E. Isso, isso

V. Ali morava meu irmão inclusive a casa dele até sapecou com o fogo

E. Agora eu lembrei

V. Ficaram tocando água a noite toda pra acabar o fogo e não passar na casa

E. O senhor ficou na tapeçaria Mário uns oito anos, foi isso que o senhor falou?

V. Mais ou menos não isso foi no Klug

E. No Klug oito anos depois passa pra Mário e ficou até

V. Casei saí do Mário e botei o bar, lá na Pernambuco, onde hoje é a tal de transportadora, era né hoje nem é mais transportadora, na esquina ao lado da casa da vó

E. Aquela transportadora Balbinoti

V. Balbinoti isso. Isso ali nós tinha armazém. O teu avô tinha um armazém depois não quiz mais e deu pra mim tomar conta.

E. Isso em que época mais ou menos. Porque o vô, ele trabalhou muito tempo naquele naquele (...?)

V. 48, isso deve ter sido em 50/51 que eu botei o Bar ali. Fiquei nove anos na Varig e saí da Varig em 61. Acho que em 52

E. 50/52

V. Foi em 52 mesmo.

E. E depois foste pra Varig?

V. Dali fui pra Varig naquela época eles estavam construindo a pista nova, os caminhões estavam botando o aterro e eu fui pra comandar os caminhões com a bandeirinha chamando os caminhões, encosta aqui encosta ali, e anotando o pessoal que descarregava, as horas. Quantos caminhões descarregavam e assim eu fiquei ali.

E. E depois que encerrou isso ficou?

V. Ah na Varig eu fiquei.

E. Em que área?

V. Eu comecei a trabalhar nas obras. Como anotador, depois das obras passei pra chefe da oficina de veículos e fiquei na Varig durante nove anos e sai de lá em 61.

E. Na Varig seria exatamente esse período de 52 a 61 mais ou menos. E como era. Então teu trabalho era esse era controle..

V. ..fiquei chefe da oficina fiquei nove anos e aí saí da Varig e fui pra trabalhar por minha conta. Comprei um caminhão, um calhambeque aqui. Trabalhei dois anos com o meu caminhão. Aí o João que era meu cunhado, trabalhava no Gerdau me chamou pra trabalhar lá no Gerdau. Fui trabalhar no Gerdau.

E. Ah trabalhou no Gerdau?

V. No depósito deles lá. Acho que no Gerdau uns dois ou três anos também.

E. Quer dizer que tu saiu da Varig, a gente estava falando do negócio da legalidade e tu saiu da Varig bem nessa época.

V. Nessa época.

E. Bem nessa época. A mãe me falou que vocês chegaram a participar de uma greve nessa época

V. Inclusive morreu Getúlio naquela época

E. Sim, em 54. A mãe chegou a me falar que vocês chegaram a participar de uma greve na Varig nessa época?

V. Eu não participava mas era obrigado, porque o pessoal parava eu tinha que parar também.

E. Claro. E tinha muita , era frequente, por exemplo, greve dentro da Varig?

V. Que eu me lembre não.

E. Foi uma só?

V. Foi uma ou duas

E. Uma ou duas. Pelo o que a gente vê dela tinha fama que tinha

V. Pagava bem, aquelas liberdades, uns passeios que eles faziam, tinha divertimento lá, bolão, bocha, o pessoal se dava bem, tinha aquela casa lá em Pedra Redonda, que o pessoal veraneava por lá. Lá também tinha bolão então a gente ia seguido por lá. Jogava bolão lá, jogava bolão aqui. Sempre tinha liberdade lá.

E. E atendimento médico também?

V. Tinha tudo tudo até hoje eles tem tinha médico lá bom

E. Cooperativa

V. Lá tinha o refeitório...(?)

E. E o salário era bom?

V. Prá mim era bom.

E. Dava pra..

V. Dava pra viver bem. Além do meu salário eu tinha uma gratificação de função como chefe de sessão, tinha uma gratificação de função à parte.

E. Dava pra manter bem?

V. Dava pra manter bem.

E. Quantos funcionários a Varig teria mais ou menos neste período, por alto?

V. Isso aí tu pode até por telefone tu consegue lá com a sessão pessoal

E. Claro claro era só pra ter uma idéia, eu estou pensando em dar um pulo lá mesmo. Porque no Renner também que é uma empresa importante eu já fiz uns contatos.

V. Uma base eu não posso nem te dizer, naquela época talvez a Varig, não sei se a Varig era só ali devia ter em São Paulo,..ali dentro ali devia ter dentro dos nossos angares devia ter quase mil, pessoal da manutenção, oficina, pessoal da marcenaria, pintura, fazendo um cálculo devia ter umas mil mil e poucas pessoas

E. Mais a parte de escritório

V e depois tinha o centro também, quando começa as agências aí tu tem muito mais

E. Sim aí já é muito mais

V. Mas o pessoal que trabalhava ali em terra como se diz é uma base de mil, mil e duzentos.

E. Em que setores tinha mais gente que exigia mais?

V. Na manutenção. Para manter os aviões tudo em dia né, reforma, pintura, motor, estrutura, os motores eram tudo reconicionado ali mesmo naquela época a Varig tinha sessão de motor e depois começou o negócio de jatos e não sei como ficou já vinha os motores prontos, a sessão de motor ali depois terminou tudo.

E. O motor ele vinha como? Ele era montado ou só ou só?

V. Ele já vinha no avião mesmo.

E. Certo.

V. Depois quando chegava certo tempo de vôo tirava, arrumava aquele botava um outro já tinha um pronto pro avião não parar né.

E. Só a manutenção. Então entendi. Como se tivesse um outro de reserva

V. Sempre tem um reserva.

E. E ficava fazendo manutenção naquele que tinham tirado?

V. Arrumava botava pistão, cilindro tudo novo, tinha uma sessão lá que fazia um barulhão até que era uma barbaridade tinha que ligar o motor pra amaciar e deixava horas e horas ligado e água correndo, tipo um radiador pro motor não esquentar demais, o motor parado esquenta, tinha uma espécie de um radiador aquela água ia esquentando e já ia resfriando caindo assim tipo uma cachoeira, bacana naquela época. Com o modernismo acabou aquela sessão de motor. Não é mais tudo é jato agora. Não sei se eles continuam arrumando isso aí lá. Acho que não a maioria deles morreu, a maioria deles morreu o velho Repoll, o velho Inácio que era chefe da sessão. No fim a sessão de motor acabou, não tem mais motor pra testar. Na manutenção trabalhava o Danilo na estrutura, às vezes o avião dava uma pousada mal, faltava alguma coisa, conforme o tempo de vôo pegavam e desmanchavam tirava tudo, rebites e coisas botava tudo novo passava algum produto ali alguma coisa pra não enferrujar.

E. Acho que hoje em dia caiu bastante a qualidade pelo o que agente tá vendo pelos problemas que têm dado.

V. Antigamente caía menos com aqueles motor

E. Acho que a manutenção era mais rigorosa.

V. Hoje os motores de certo já vem tudo lacrado, tira um bota outro, aquilo vai pros Estados Unidos não sei pra onde, já vem pronto de lá. O trabalho aqui é só tirar um e botar outro

E. E se dá um problema...Deixa eu te perguntar um negócio antes tu falou da morte do Getúlio o que...

V. Eu estava trabalhando lá na

E. Estava trabalhando na Varig e o que tu lembra da repercussão do impacto que teve?

V. Ah parou toda a firma parou, avisaram:- ei morreu o Getúlio. Fechou tudo. Deu uma pausa pra todo mundo. Feriado como diziam só que feriado nacional

E. Eu sei que no centro de Porto Alegre chegou a ter quebra quebra e tudo né

V. Por causa dos alemão, o Renner foi muito sacrificado, loja quebrada, todas as lojas que tinham sobrenome alemão estavam arrebentando.

E. A Varig era na origem era....

Lado 2 – fita 1 – Valter Roman Jochade

V. Era Condor, a primeira aviação que tinha ali era o Condor. ..No rio do Guaíba, depois a Varig comprou não sei como que fizeram uma fusão daquilo ali, então eles passaram ali pro aeroporto. Mas continuou voando ainda um pouco lá no rio e aqui já começou a vir aqueles aviãozinho com roda e coisa. Se eu me lembro o começo da Varig foi assim. Porque a fusão da Condor, a Condor já era bem alemã mesmo.

E. A pista ali era da própria Varig?

V. Aquele campo ali a Varig que comprou, não sei se arrendou não sei..

E. Não tinha um aeroporto como é hoje?

V. Ah não o aeroporto era aqui só no começo onde hoje tem a portaria, a sessão pessoal hoje, depois tem aquele prédio ali que hoje é novo também, naquela época era tipo uma casa, uma residência, um sobrado então o pessoal tinha uns banco na rua uns banco vermelho. Inclusive os bancos a gente até nós pegamos na enchente. Eu fiquei com um e a vó ficou com o outro. Era a sessão da Varig do aeroporto e o aviazinho saía dali, antes da outra onde era a pista antiga era de areião né tudo com terra, uma poeira quando levantava o avião, minha nossa, eu não guentava a poeira ali, foi passando. Depois quando começou a aparecer esses avião mais moderno aquele como era o nome dele com a frente mais baixinha, mas já era um tipo turbo Convert Convert o avião. Toda vez que vinha um Convert pousar nós tinha que pegar uma turma pra limpar a pista, se não tinha pedrinha, era tão baixinho esse do chão que se tivesse qualquer pedra podia gerar um acidente. Pegava uma turma aquele pessoal que carregava os caminhão lá pra limpar pista, tirar tudo que era pedrinha tirava tudo pro lado de fora aí então o avião shshsh Convert, o nome dele. Esse não existe mais. Peguei um tempo do Douglas Kurtz naquela época viajava muito pela varig o Douglas Kurtz, depois virou cargueiro o Kurtz. Começou a aparecer o Convert passageiro e ali foi modernizando dali pra cá uma barbaridade.

E. Tu estavas falando da questão dos alemães na Guerra né, das lojas do Renner que foram atacadas e tudo né é tu lembra bem desse período da guerra, em relação a essa coisa da questão da proibição de falar alemão ou

V. Ah sim,

E. Como que..

V. Sim, era tudo proibido não podia nem juntar dois três num bolinho que já estava conspirando contra o governo, tem que se cuidar até no falar o alemão.

E. E vocês falavam, aprenderam o alemão..

V. Na escola, nossa escola lá o Concórdia naquela época era mais alemão que a nossa língua brasileira, nós tinha mais aula em alemão o que hoje é ao contrário tu tem uma meia hora em alemão ou inglês o resto tudo é nacional, antigamente era ao contrário toda a aula era alemão e tinha uma meia hora de português

E... e isso aí foi proibido depois da guerra?

V. Sim, as professoras só falavam tudo em alemão, falava bem até o alemão e depois proibiram, proibiram, eu a gente vai esquecendo alguma coisa eu ainda sei.

E. Perde a prática?

V. Perde a prática de falar. E o indivíduo naquela época já aprendia o inglês também, eram poucos minutos.

E. Mas o alemão era forte.

V. Toda aula e aí tinha a professora de português que era Dona Laura, não sei se era uma hora ou meia hora naquela época.

E. E o Concórdia já era onde é hoje? Ao lado da igreja ?

V. Era, só não era o prédio assim.

E. Mas o lugar já era ali.

V. Eu comecei no jardim, era um prédio bem no fundo de madeira. Um chalé verde de madeira o jardim.

E. E já era, sempre foi ligado a igreja?

V. Pertencia sempre a igreja. Depois começaram a fazer as obras novas do colégio.

E. Isso era uma coisa interessante o vô Otto era protestante também? de família?

V. Eram, os Jochade e os Rosner eram todos os dois da mesma, meu pai não era muito carola

E. Não frequentava muito?

V. Não, o meu irmão também era protestante mas só entrou na igreja pro casamento e no batizado e nada mais. O pessoal não é de igreja. O único da família que acompanha sou eu que até agora. Graças a Deus.

E. E a vó frequentava bastante?

V. Frequentava, se podia ir ia sempre sempre sempre. Quando ela não podia ir até o pastor ia em casa dava a santa ceia pra ela. Aquele colégio ali foi uma maravilha. O tempo aquele ali onde é o colégio era um tipo um mato umas taquaireiras lá, uma baitas de umas taquaireiras, uns eucaliptos daqueles grandalhão, a sombra ali era uma maravilha, depois pra fazer as obras, cortaram tudo.

E. Derrubaram tudo. Hoje não dá nem pra imaginar não tem nada de... E essa questão de quebra, houve muito, porque no bairro tinha muitos tipos de imigrantes, imigrantes da Itália, da Polônia, da Ucrânia, da Rússia. Essa questão da guerra entre os países lá afetava mexia muito com o relacionamento das pessoas ali mesmo?

V. Que eu me lembre não, só que a gente tinha que cuidar no falar, inclusive no colégio parou de falar alemão no colégio, proibiram. Na rua tinha que se cuidar pra não fazer bolinho, dois três aposentado pra conversar já era suspeita. Já passava um grandão desses aí "ei ! ei! O quê estão fazendo aí na rua?" "vamos acabar com isso aí, Quinta coluna" Falava Quinta coluna os Quinta coluna.

E. E tu chegou a ver por exemplo que eu vi pelos jornais e livros da época que realmente chegou a ter tinha uma espécie de ramo do partido nazista mesmo, faziam desfile e eventualmente coisas nessa época aqui. Chegou realmente a ver isso aqui?

V. Olha, os alemães não se via os integralistas. Até inclusive eu era.

E. Ah é? (risadas)

V. Um guri né... era tipo uma escola, fazia reunião sempre reunião era forte aquele partido integralismo.

E. Em que época mais ou menos isso tu tinha quantos anos?

V. 10 anos, 11 anos

E. Bem novinho.

V. Mais ou menos por aí, 34 mais ou menos.

E. O que vocês faziam nessa época em que o senhor chegou a aprticipar do integralismo?

V. Só falava, tipo uma escola.

E. Reuniões?

V. Reuniões, como hoje fazem em política eu era um guri e não entendia de política era só pra gozar. Anae para o bem do Brasil

E. Andava de uniformzinho verde e tudo?

V. Não eu não cheguei usar uniforme mas os homens andavam

E. Eu até ouvi dos integralistas é que eles tinham um campo de esportes lá na Ramiro Barcelos em uma época e tal.

V. Isso eu não tô lembrado, a sede nossa foi ali na rua do Parque, ali que era a sede do Integralismo. Era uma escola. Eu ia lá porque achei que era uma escola meu irmão ia também.

(outra pessoa) estão chegando a um acordo aí?

E. Sim, essa que ele tinha sido integralista não imaginava(risadas)

(outra pessoa) nós também, minha família também me arrumava.
V. O pai dela também
(outra pessoa)... meu pai tinha até aquela camisa verde
V. Como eu era muito guri não cheguei a usar a camisa
(outra pessoa) quem usava era a minha mãe o meu pai, meu tio.
V. Mas eu ia lá na reunião. Tu tinha um parente que andou na guerra ele te falava alguma coisa?
(outra pessoa) Ele estava na Itália.
V. Ele não te falou nada como foi as coisas por lá, não?
(outra pessoa) assim ele não falou, mas se falou minha cabeça já não estava muito boa. Ele falou muita coisa agora ele não chegou a entrar assim em combate e ele era
V. Ele foi na última turma. No Monte Castelo
(outra pessoa) eu tenho umas fotos que ele mandou
V. Mas ele não chegou a entrar em combate mesmo não, só o barulho já afetou ele ficou meio tãntan da cabeça, aquele tiroteio ficou caminhando de lá pra cá
(outra pessoa) ele ficou muito perturbado
E. A tensão né
V. Que eu conheço o único que foi pra lá da nossa gente foi ele.
(outra pessoa) sim na guerra foi ele
V. ele estava servindo, convocaram a turma toda naquela época um ano talvez antes reservista.
E. Esse negócio de integralismo tu falou que teu irmão era, meu vô.?
V. Meu irmão frequentava.
E. Ele já era mais velho?
V. Era, 4 anos a mais
E. Um pouco mais
V. Eu não lembro se ele usou camisa verde. Acho que não.
(outra pessoa) Plínio Salgado(risadas) era o chefe dos integralistas
V. Ele comandou, era o comandante tinha a fotografia
E. E aqui em Porto Alegre quem comandava?
V. Ele era o chefe geral, tinha uns tipo uns professor que tinha cada canto tinha um como partido, tinha o partido aqui numa rua tal,
E. Não era ninguém assim muito conhecido?
V. lá em Petrópolis era outro. Não, não
E. Já tendo participado de um movimento político desde novo acompanhou muito a a política desse período aí?
V. Não, depois que comecei a trabalhar esquecia tudo
E. Votar pela primeira vez, quando?
V. Getúlio, primeira votação minha foi Getúlio.
E. Pra presidente?
V. Não sei, tinha o vassorinha
E. O Janio
V. Mas antes do Janio foi o Getúlio, foi o Dutra não sei quem mais
E. Porque o Dutra foi em 45 e tu já tinha idade pra votar?
V. Tu?
E. Não, Calculando tu é de 24 já teria 21 anos

V. Eu acho que comecei a votar talvez com 18. Eu enchi meu papel aquele pra votação ficou cheio dos dois lados. Aí eu fiz um novo mas não me deram o velho eu podia estar com o velho aí como uma relíquia hoje. Saber da primeira votação. Acho que foi pro Getúlio. Porque o Getúlio foi reeleito pra 15 anos presidente. Eu acho que votei nele, já estava trabalhando, já era casado.

E. No bairro, no trabalho a maioria das pessoas eram getulistas?

V. Eram GG, chamavam ele de GG, vão votar no GG, todo mundo no GG e

E. E depois o Brizola também?

V. Ah o Brizola teve muita força, eu passei naquela época era PTB, Brizolista. Nós era fanático, a família toda

E. Ptbista.

V. Tinha um comitê também

E. Estava no comitê municipal?

V. Parece que era ali na Pernambuco que eles faziam. Como esses partidos alugam uma casa. O pai também tinha, o pai fazia parte.

E. Ah ele fazia parte, interessante.

V. O pai fazia parte do integralismo também. O pai sim tinha camisa verde. O Getúlio foi a primeira votação dele. Ele ficou 15 anos aí depois dele ele se matou e entrou não sei se foi Dutra foi foi indo e dali pra diante eu votei sempre sempre no PTB, sempre PTB, Agora depois mudou pra PDT, fui pro PDT.

E. Um vereador que era forte ali da região do quarto distrito do PTB era o Temperani Pereira?

V. Um baixinho, acho que até que era meio deficiente.

E. Ah é? eu não não sei. Estou começando a me interessar agora quando comecei a mexer no material da câmara e vi que ele era um vereador.

V. Meu pai sempre falava dele.

E. Votava nele?

V. Votava nele. Do partido PTB

E. Ele fez uma votação enorme na época foi o mais votado da cidade e tudo.

V. No comitê do pai estava o retrato do Getúlio, como hoje todo mundo usava, não sei hoje acho que não usam mais. No Integralismo estava sempre o retrato do Plínio Salgado. Não tinha o do Getúlio tinha só o do Plínio, o do pai tinha o do Getúlio.

E. Tu lembra de conhecer alguém de ter mais contato com alguém que fosse mais simpatizante dos comunistas, do Prestes?

V. Nunca gostei do comunismo.

E. Mas chegava a saber, por exemplo, de alguém fosse?

V. O homem da capa preta que era contra o Getúlio. Acho até que foram os que derrubaram o Getúlio depois, o Homem da Capa Preta. Andava sempre armado um baita dum cara, o pessoal tinha medo dele. Mas eu política eu nunca dei muita bola. Era PTB, Brizola. nunca votei em outro partido... única vez que eu votei contra foi quando o Brizola saiu e aí parece que até ele pediu pra votarem pro PMDB, não sei como é o nome dele agora..perdeu um..

E. Simon

V. Pedro Simon isso mesmo, a única vez que eu votei no tal de Simon

E. Por indicação do Brizola?

V. O Brizola teve que se mandar, ele achou talvez que o Simon fosse acompanhar, continuar mas não acompanhou nada. A única vez que eu votei num outro foi nele.

E. Outra coisa assim vocês estavam falando da infância assim vocês brincavam muito no rio, nadavam. Depois na mocidade o que eram as formas de diversão de lazer que eram mais comuns?

V. Futebol, eu nunca fui de futebol. Quando me convidavam pra jogar só se fosse de goleiro eu não gostava de correr, sombra e água fresca. gude eu jogo. Eu tinha gude, tinha bolinha de gude, chamava de cobrinha, fazia um monte de risco e a gente tinha que jogar dentro daquilo risco pra acompanhar o gude, pandorga, pião, como até hoje tem. Só que antigamente era mais próximo, mais conhecido, mais competitivo o cara jogava o pião tinha que pegar o pião do cara e botava no bolso. O pião dele não saía da roda aí tu ia lá e ficava com ele.

E. Na mocidade, questão de diversão? Falamos já do cinema né.

V. Matiné, todo Domingo matiné.

E. E tinha cinema ali mesmo né no Navegantes?

V. Antigamente era Germania, no Navegantes, na Eduardo tinha o Tália e um pouco mais lá pra cima tinha o Cinema Rosário, o Orfeu na Benjamin, depois o Eldorado na Benjamin, cinema tinha muito cinema naquela zona.

E. E tu ia bastante?

V. Ia bastante. Conforme tu queria ver tu ia lá. Dava muito filme em série então quando começava ver num cinema tinha acompanhar Buck Jones, Tom Mix, os artistas famosos da época. Eu ainda peguei o cinema mudo. Era só pianista quem tocava no cinema mesmo. Ele tocava ali de acordo com o troço ele ia tocando. era bom assim eu me lembro naquela época era uma beleza e depois quando começou a falar a gente não perdia uma.

E. E coisa de baile assim?

V. Quando comecei a frequentar baile já estava com 14 anos aí entrei de sócio no Ginástica.

E. E bailes só em clube?

V. Só em clube. Fui sócio 25, 30 anos do Ginástica, fiquei sócio veterano lá, jogava bolão jogava... acho que era só bolão porque carta também não era, acho que o jogo era só bolão. Depois conseguiram a Ilha lá e nós íamos seguido na Ilha também. Sociedade foi a única que eu frequentei muito foi a Ginástica. Começou ali na Eduardo. Antigamente a Ginástica era na Brasil, no salão Brasil. Eles começaram ali e botaram a sede na Eduardo.

E. O bolão era uma coisa de muita gente?

V. Naquela época era bastante, seis ou sete clubes dentro do Ginástica era o nosso encontro, defrontava um contra o outro fazendo campeonato interno. Às vezes se jogava fora também.

E. Masculino e feminino?

V. Tinha. Primeiro era só masculino depois que começou a entrar mulher.

E. Era uma coisa mais de família.

V. Minhas irmãs jogavam muito bolão lá na Cairu tinha um ... na frente era uma ferragem e nos fundos era uma sociedade também de bolão, jogava cartinha deles lá também e lá formaram o Clube de Bolão das Margaridas, a minha irmã, as duas irmãs jogavam lá a minha mãe também as três iam jogar bolão lá na Cairú, na Germânia.

E. Agora a questão da tu falou da Escola do Concórdia. Tu estudou até que série?

V. Eu fui até o sexto ano na época era primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavo. No oitavo terminava e depois entrava pra estudar de noite e tinha que

fazer um tipo de vestibular. Eu entrei no jardim com cinco anos, fiz lá até 38, 37, 38 eu saí da escola.

E. Teus irmãos também?

V. Todos eles estudaram lá. O Arno, (?), a Wilma, Eu.

E. E todos até esse período? Sexta, sétima?

V. Acho que até a Quinta ou mais cedo, o único que foi até a oitava foi o Arno. Teu avô ele completou lá. Ele estudou de noite lá, não sei ele tirou um curso.

E. As mulheres saíram mais cedo?

V. É saíram mais cedo. Eu não sei em que ano parou, depois começaram a namorar e coisa e começou a não frequentar. Não sei por que elas largaram da escola, eu sei que o Arno ficou até o fim.

E. Suas irmãs mulheres chegaram a trabalhar fora?

V. A Wilma sim mas a Evy não. A Wilma acho que foi no Renner.

E. No Renner quase todo mundo por ali trabalhou?

V. A fábrica mais perto.

E. E grande também.

V. Inclusive minha patroa trabalhou no Renner também. O Renner era o pai da zona.

E. Ela trabalhou ali em que época mais ou menos?

V. Ela saiu de lá pra casar. Em 48 nós casamos. Ela trabalhou uns acho que uns 4 anos, ela trabalhou no Neugbauer também.

E. Ótimo talvez possa falar com ela também. A Neugbauer empregava bastante.

V. Ali naquela zona também.

E. Eu até consegui do Neugbauer dessa época, até de antes de vinte e poucos uma lista de funcionários aí dá pra ver mais ou menos... (?) quanto que tinha e tal

V. A irmã dela trabalhou mais tempo lá, antes, a mais velha

E. Está viva a irmã dela?

V. Está viva está com oitenta e dois ou três.

E. Está bem de memória?

V. Está.

E. Talvez eu pudesse

V. Só a parte de Neugbauer com ela e depois trabalhou com a sogra dela também.

Bordados.

E. É bom, porque é difícil encontrar gente com mais de oitenta com..

V. Com a cabeça boa. Teve aqui no Domingo tava com nós aqui

E.. Ela mora onde?

V. Na Koseritz

E. Ah tá eu sei Eu vou ali perto porque a mãe conversou com a Olga, filha da Dona Ana Sulipa, aqueles ucranianos..

V. Da Olguinha?

E. Isso, e ela é da sociedade ucraniana e ela conseguiu um senhor que tem 92 anos e que está lúcido e mora naquela região perto da Von Koseritz.

V. Te deu o nome da rua?

E. Deu mas eu..eu não lembro agora. Acho até que é na Cristóvão, nesse pedaço do fim ali. Diz que esse senhor foi muito amigo do vô Otto.

V. Meu pai frequentava muito esses ucranianos era tudo amigo dele, ali na Pernambuco tinha muito ucraniano Ladslau. (?) Misunsk

E. Por isso eu estava realmente querendo..... Misunsk? Vocês conheciam os Misunsk?

V. era uns que moravam bem defronte da tua mãe ali, da tua avó, em frente a casa da tua avó. Do lado de cá morava o Miguel que é um Sulipa.

E. Sulipa

V. Que é o avô desse

E. Pai?

V. Não ele era irmão do pai dela, é tio dela. Esse pai dela foi justamente o meu patrão nos azulejos.

E. Ah! Eu ia até te perguntar isso, eu ia até perguntar porque ela tinha me dito.... a dona Ana e ela me falou isso que aquela fachada da revenda de carro aquela revenda de carro acho que foi ele que fez na curva

V. A Casa Dico

E. Eu acho que foi ele que fez aquele Mural grande de Azulejo?

V. Se foi ele, talvez o irmão dele o Miguel que ali eu não trabalhei não

E. Acho que foi antes

V. Eu trabalhei com ele no tempo lá do Palácio do Comércio nós trabalhamos tudo lá os banheiros, tudo foi nós que fizemos

E. era um negócio bem sofisticado

V. No mercado livre também foi nós que fizemos.

E. Esses murais de azulejos são bem trabalhosos. O nome que ela me deu. Gregório Tomaczewski.

V. Mas está vivo este cara ainda?

E. Está vivo, tem 92 anos.

V. Bah

E. Tu lembra dele?

V. Um cara bacana. Ele era regente da orquestra dos ucranianos, do coral.

E. Eles tinham um coral

V. Ele morava na Cristóvão Colombo na esquina, Luzitana, Portugal.

E. Ele ainda mora lá, está vivo, lúcido e gosta de um papo

V. Mora na Luzitana?

E. Ele me disse Cristóvão Colombo não me deu o endereço certo, mas pela região que ela falou é por aí.

V. É por aí bem na esquina, Portugal.

E. Eles tinham um coral é?

V. É os ucranianos cantavam, dançavam. Aqui nessa sociedade vizinha eles dançavam muito.(?)

E. Onde que é?

V. Terceira ruazinha antes do posto. Uma rua antes do posto.

E. Já era aqui nessa época?

V. Não

E. Onde que era?

V. Onde que era antigamente que eu não me lembro.

E. Tu chegou a ver o coral deles antigamente?

V. Ia ver eles cantar a apresentação deles aí.

E. Onde eles se apresentavam?

V. Ali na São Pedro na no Clube Polônia eles fazem muitas apresentações.

E. A Olga me falou pra eu ir lá e conversar um pouco.

V. Eu não sei se ainda existe?

E. Ela disse que sim.

V. Na São Pedro?

E. Sim. Foi ela que me deu a dica. Eu vou entrevistar esse senhor.(o telefone toda) Eu acho que isso é o bastante e eu ainda estou pesquisando, e eu marco outra hora de vir aqui e podemos combinar com ela e com a irmã.

V. Para uma próxima vez?

E. Em algum momento pra pegar um pouco porque o Renner me interessa bastante..

V....entrevistou minha mãe seguido queria saber de onde vinha o nome Jochade, da onde surgiu Rosner... a vó contava pra eles e eu nunca me interessei em perguntar

E. Mas está bom acho que já tenho bastante coisa

V. Só sei que eu trabalhei bastante com ela aqui ela morou comigo e eu visitava seguido toda semana.

E. Eu visitei....

Fim da Entrevista com Valter Roman Jochade em 18/03/1997